

Acompanhamento arqueológico da rede de drenagem de águas residuais: área classificada do Castro de S. Domingos (Cristelos)

Paulo Lemos*, Manuel Nunes** e Joana Leite***

1. INTRODUÇÃO

A aprovação do projecto de construção do Sistema Geral de Drenagem e Tratamento das Águas Residuais do Concelho de Lousada, nomeadamente na freguesias de Cristelos, área onde se localiza o Castro de S. Domingos (povoado fortificado da Idade do Ferro¹), levou a autarquia de Lousada, através do seu Gabinete de Arqueologia, a proceder à elaboração de um plano de trabalhos arqueológicos com vista ao acompanhamento do projecto na área arqueológica em apreço. O projecto, que teve como proponente a própria Câmara Municipal, desenvolveu-se ao longo da rede viária daquela freguesia, numa extensão aproximada de 1125 m, traçada no interior da Zona Geral de Protecção do Castro de S. Domingos, concretamente: Estrada Municipal 1132 (via que atravessa o sítio classificado no sentido E-O); Travessa N.ª S.ª da Conceição (via que percorre o limite Sul da Zona Geral de Protecção do sítio); Rua das Almas (acesso viário que liga à Travessa de N.ª S.ª da Conceição e percorre o sítio classificado ao longo do seu limite Sul); Rua Vitorino Freire Leite (acesso viário que liga à Rua das Almas e que conduz às habitações localizadas a Sul); Rua de S. Domingos (acesso viário que conduz às habitações localizadas na meia encosta do Monte de S. Domingos) e Rua do Castro (via que circunda o povoado pela base Oeste) Fig.1.

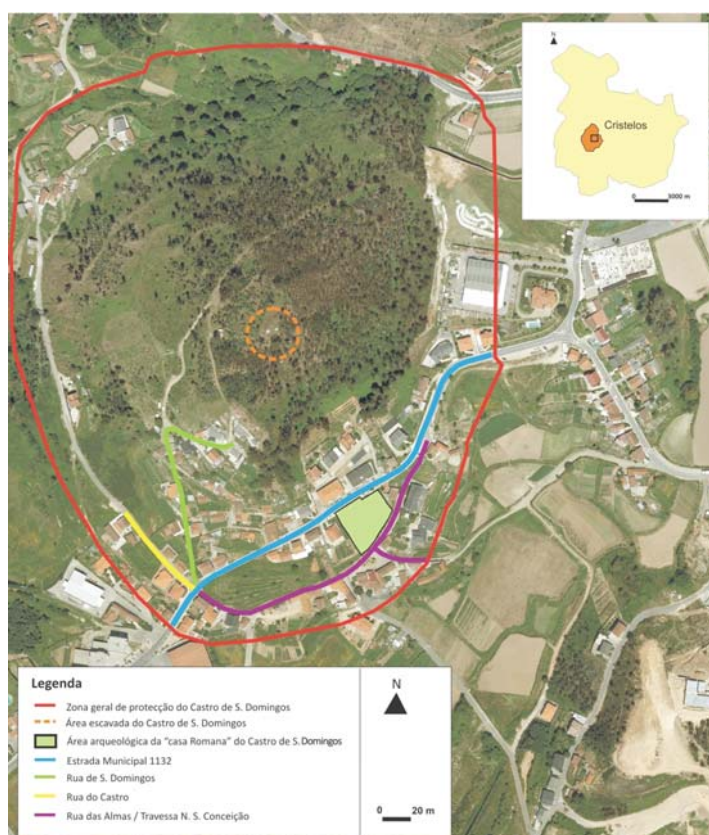


Figura 1 - Área classificada do Castro de São Domingos e localização das áreas afectas ao acompanhamento arqueológico.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A primeira referência documental ao Castro de S. Domingos, cujo nome advém de uma antiga capela tardo-medieval que terá existido no topo do monte dedicada a S. Domingos,

encontra-se firmada nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258 (PMH, *Inq.* 1258:547), onde se refere que “*Item quod habetur ibi unum castrum et fuit populatum: et dixit quod omnes qui morantur in ipsa villa partierunt illud se et laborant illud*”.

* Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

** Arqueólogo. Coordenador do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

*** Arqueóloga. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

¹ Actualmente o Castro de São Domingos encontra-se em vias de classificação (Imóvel de Interesse Público), com Despacho de Abertura datado do dia 18 de Fevereiro de 2000.

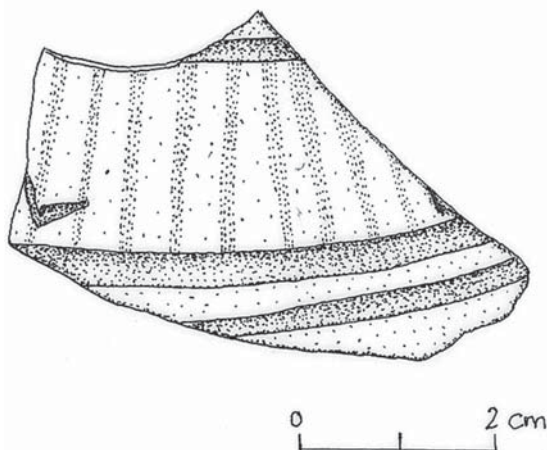


Figura 2 - Fragmento de bojo de cerâmica cinzenta fina com decoração brunida (Carlos Gonçalves)

Ainda assim, é apenas no século XIX, em 1880 que Francisco Martins Sarmiento, em visita ao local, tece as primeiras considerações científicas sobre o povoado, descrevendo-o como sendo um povoado fortificado onde ainda eram visíveis várias linhas de muralha (Cardozo, 1947:56; Sarmiento, 1999:138-139). Ao longo do século XIX e século XX outros autores se debruçaram sobre este povoado e/ou o espólio nele recolhido (Vieira, 1887:355; Alarcão, 1958:249-315; Lanhas, 1971:575; Silva, 1986a:84; Dias, 1997:302), embora só entre 1994 e 1999 o mesmo tenha sido alvo de um estudo alargado e sistematizado (Mendes-Pinto, 2008: 51-52; Nunes, *et al.*, 2007:1-4; Nunes, *et al.*, 2008:106). Com efeito, na sequência desses trabalhos, verificou-se que o Castro de S. Domingos se constitui como o maior e melhor preservado povoado proto-histórico da bacia do Mezio, conservando importantes vestígios ligados ao povoamento da Idade do Ferro correspondentes às denominadas Fase IIA e IIB (séculos VI a.C. à 2.^a metade do Século III a.C.) e Fase IIIA e IIIB (séculos II a.C. à 2.^a metade do século I a.C.) da “*cultura dos castros*” (Silva, 1986:65-66) que, por volta do século II a.C. e até sensivelmente à 2.^a metade do século I d.C., portanto já no quadro da romanização, atinge o seu período *optimum* (Martins, 1990:206; Nunes, *et al.*, 2007:1). Mas os vestígios deste paleoassentamento não se limitam à acrópole e plataformas superiores do monte, onde as escavações permitiram colocar a descoberto um núcleo de ocupação indígena, com casas de planta circular, lajeados e muros de divisão e contenção, dos séculos IV e III a.C. (Mendes-Pinto, 2008:52). Atestando uma ampla dispersão de vestígios, foi detectado em 1996 um pólo habitacional romano (vulgarmente designado de “Casa Romana do Castro de São Domingos”), implantado na encosta virada a sudeste, pólo esse entretanto alvo de uma intervenção de emergência que permitiu colocar a descoberto diversas

dependências e trazer à luz um significativo espólio cerâmico e numismático enquadrável entre os séculos I a III d.C.²

3. ACOMPANHAMENTO ARQUEOLÓGICO

Iniciados em finais de Fevereiro de 2010, os trabalhos de acompanhamento arqueológico da empreitada prolongaram-se até meados de Junho do mesmo ano, consistindo no acompanhamento de todas as movimentações de terra necessárias à execução do projecto, designadamente a decapagem do pavimento betuminoso/cubos, a abertura das valas para a colocação das condutas e a construção das respectivas câmaras de visita.

De referir que as valas tipo para a colocação da rede de saneamento apresentaram uma largura média de 0.80 m e uma profundidade que oscilou entre os 1.10 m e os 3.60 m, de acordo com o perfil da via.

A tubagem em polipropileno, com um diâmetro de 200 mm, foi instalada com caixas de visita a cada 60 m nos alongamentos rectos, ou em distâncias menores sempre que se revelou necessária uma mudança de direcção. Deste modo, durante os trabalhos de acompanhamento, foram observadas e registadas as estratigrafias detectadas ao longo das valas, recolhendo-se todos os materiais arqueológicos relevantes. Naturalmente, a detecção de estruturas de particular interesse foi objecto de medidas singulares, em termos de registo e/ou escavação arqueológica.

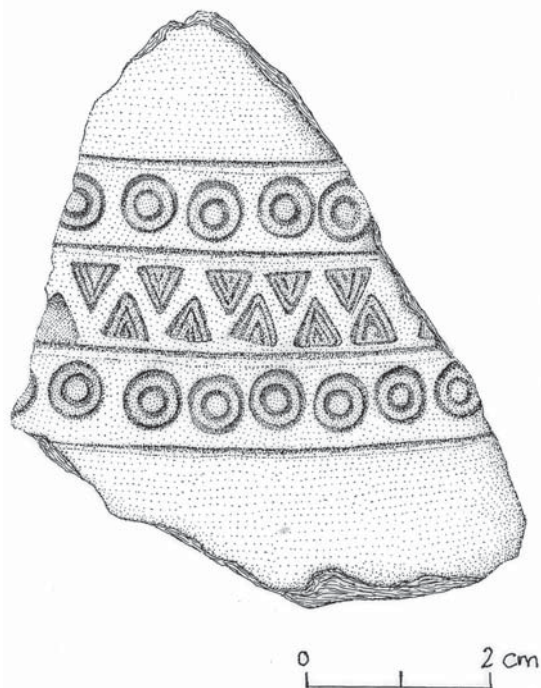


Figura 3 - Fragmento de bojo decorado com motivos estampilhados (Carlos Gonçalves).

² No interior de um dos compartimentos da casa, sob o telhado derrubado foi detectado um conjunto de moedas de bronze (*antoniniani*), com cronologia de 260 a 273 d.C., abrangendo os reinados de Gallienus, Salonina, Claudius II, Aurelianus e Tetricus (Mendes-Pinto, 2008:56).

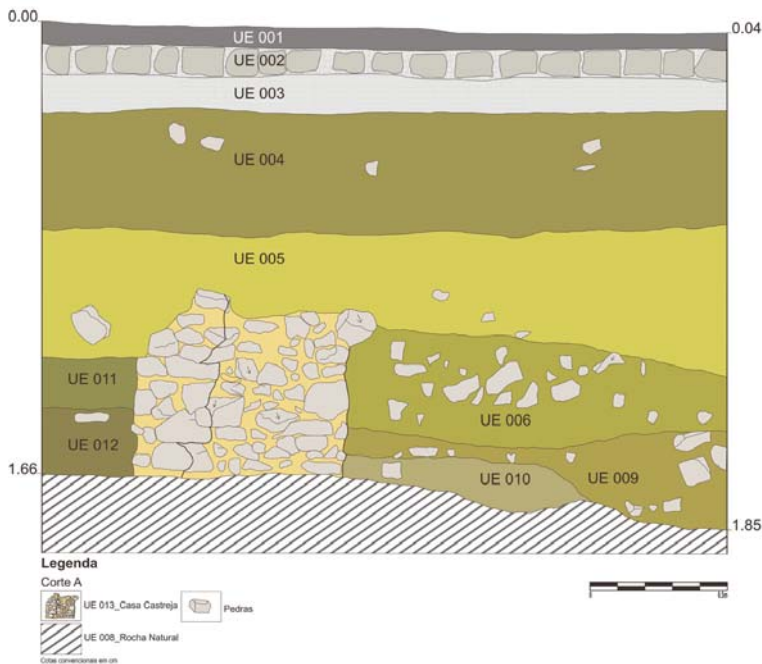


Figura 4 - Representação do corte estratigráfico da vala de saneamento onde foi detectada a estrutura habitacional circular da Idade do Ferro;

4. RESULTADOS

Da realização dos trabalhos de acompanhamento arqueológico resultou a recolha de mais de 2000 fragmentos cerâmicos, repartidos entre espólio ceramológico de uso doméstico e/ou construção (80.2% e 18.2% respectivamente), e ainda diversos objectos líticos (1.1% do espólio recolhido), de entre os quais se destacam dezassete fragmentos de mós de tipologia romana e castreja, um almofariz, um *cossoiro* e um amolador. Relativamente aos restantes 0.5% do espólio reunido, é de assinalar a recolha de dois pesos de tear cerâmicos de tipologia romana.

Entre o espólio cerâmico destaca-se a presença de uma dúzia de pequenos fragmentos comumente designados por cerâmica *cinzenta fina*. De entre a totalidade das peças, merece particular atenção um fragmento de pança de cuidado acabamento (encontrado na Travessa de N.^a S.^a da Conceição, a menos de 5 m do limite Oeste da “Casa Romana”). De paredes de espessura reduzida, como alias é típico das cerâmicas cinzentas finas, apresenta na sua superfície externa um polimento bastante significativo³ que se evidencia nas delicadas linhas longitudinais brunidas em toda a área e que se prolonga até dois traços brunidos, perpendiculares ao primeiro Fig.2. Note-se que a pasta da peça é também bastante depurada, e não deixa exibir os grãos dos desengordurantes.

As cerâmicas cinzentas finas (Soeiro, 1981-1982:105)

que estão presentes na quase totalidade dos museus do Noroeste, quer provenientes de povoados, quer de necrópoles, de acordo com estudos recentes de Monte Mozinho (Penafiel) mostram que este tipo de produção, não tendo raízes locais, terá chegado a esta estação arqueológica no fim do primeiro quartel do século I d.C.⁴ Os padrões elaborados e a técnica de fabrico superior podem equiparar esta cerâmica à *sigillata* que geralmente é a única destacada em todos os contextos como sendo a de excepção. De qualquer forma, se a produção não parece ser local, ela terá certamente sido apreendida e adoptada por centros de produção locais.

Outro fragmento que mereceu particular atenção foi um bojo de generosas dimensões e paredes espessas (1.1 cm), com marca de torno e profusamente decorado com motivos estampilhados (descoberto na EM 1132, a cerca de 20 m do limite Este da “Casa Romana”). Os motivos desenvolvem-se em três bandas separadas por linhas que atravessem a peça longitudinalmente. As duas bandas que servem de limite à composição apresentam uma sequência de círculos concêntricos intercalada por triângulos, sem besantes, de tradição hallstática, com alguns paralelos em matrizes de cerâmicas estampadas e objectos metálicos do Alentejo, atribuíveis aos *Celtici* (Silva, 1986:124) Fig.3. Pela dinâmica decorativa do estampilhado, trata-se de uma peça enquadrável nas cerâmicas de estampagem simples ou associadas a incisão, Tipo Ro-

gressam a peça longitudinalmente. As duas bandas que servem de limite à composição apresentam uma sequência de círculos concêntricos intercalada por triângulos, sem besantes, de tradição hallstática, com alguns paralelos em matrizes de cerâmicas estampadas e objectos metálicos do Alentejo, atribuíveis aos *Celtici* (Silva, 1986:124) Fig.3. Pela dinâmica decorativa do estampilhado, trata-se de uma peça enquadrável nas cerâmicas de estampagem simples ou associadas a incisão, Tipo Ro-



Figura 5 - Foto do corte e estrutura circular da Idade do Ferro.

³ O trabalho intenso de polimento terá contribuído para que a peça tenha atingido a tonalidade negra da face decorada.

⁴ Se passarmos o Douro para Sul encontramos já abundante cerâmica cinzenta pré-romana.

mariz (século IV/III a.C). cabendo, segundo a classificação definida por Armando Coelho Ferreira da Silva, na denominada Fase II (Silva, 1986:66,124). A cronologia destas duas peças, quanto relativa, não deixa de confirmar as balizas temporais aventadas por outros autores, alargando, no entanto, a área conhecida de dispersão de vestígios conotados com a ocupação pré-romana do povoado, conforme atesta a descoberta de um conjunto importante de estruturas pétreas associadas a uma edificação da Idade do Ferro, detectado no limite Sul da área de classificação do Castro de São Domingos, no entroncamento da Rua do Castro e da Rua de S. Domingos com a EM 1132. Os indícios aí detectados correspondem aos testemunhos de uma estrutura de planta circular, de aparelho e forma cuidada Fig. 4 e 5. Esta estrutura doméstica, com dois paramentos unidos por argamassa, apresentava-se relativamente bem conservada, subsistindo um tramo com cerca de 0.70 m de altura por 0.50 m de largura, tendo a mesma sido detectada a mais de 1 m de profundidade em relação ao piso de circulação actual, a EM 1132. Em frente à estrutura circular, foram detectados os vestígios de um pátio lajeado Fig. 6, bem encastrado, sob o qual foi descoberto um fragmento de um dormente de mó de vaivém, sugerindo a utilização doméstica da zona. De salientar que não foi possível estabelecer a correcta ligação entre estas duas estruturas, devido à destruição causada pela escavação mecânica da vala para a colocação das condutas.

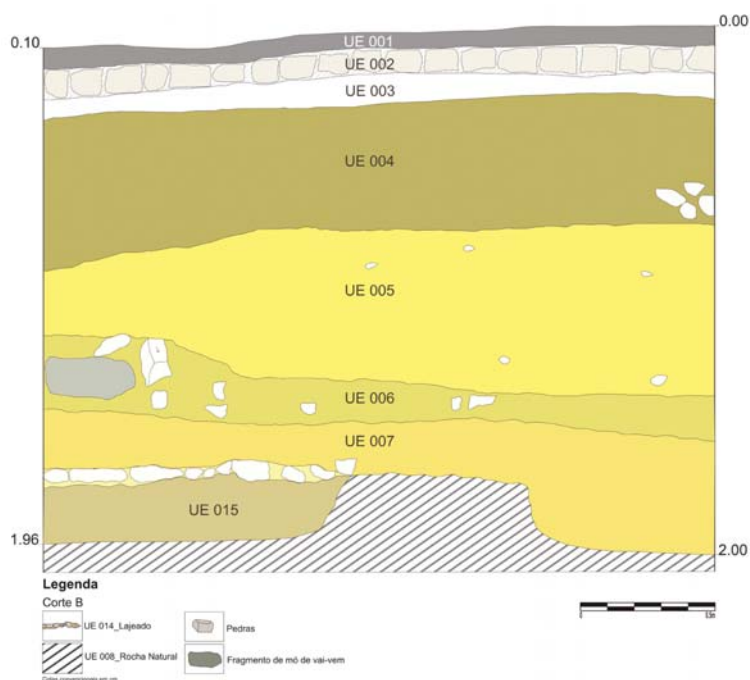


Figura 6 - Representação do corte estratigráfico da vala de saneamento onde foi detectado o pavimento lajeado.

Verifica-se, assim, que estamos perante um núcleo habitacional indígena, cujos materiais e tipologia construtiva nos remetem para uma época coeva da presença romana, localizado no limite inferior da vertente SO do Monte de São Domingos (c. 244 m), já substancialmente próximo de áreas agrárias, a cotas muito inferiores aquelas registadas e conhecidas para as estruturas habitacionais da Idade do Ferro localizadas na área desta estação arqueológica.

Bibliografia

- ALARCÃO, A. M. (1958) - *Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal*. Revista Guimarães: 68 (3-4), p.249-315.
- CARDOZO, M. (1947) - *Correspondência Epistolar entre Emilio Hübnér e Francisco Sarmiento (Arqueologia e Epigrafia) 1879-1899*. Guimarães: SMS, p. 56.
- DIAS, L. T. (1997) - *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR.
- LANHAS, F. (1971) - *Lousada: Arqueologia*. Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura, Volume 12. Lisboa: Editorial Verbo, p.574-575.
- MARTINS, M. (1990) - *O Povoamento Proto-histórico e a Romanização da bacia do Curso Médio do Cavado*. Cadernos de Arqueologia. Monografias. Braga.
- MENDES-PINTO, J.M.S. (1994) - *Escavações Arqueológicas no Castro de S. Domingos (Cristelos – Lousada)*, Relatório de Trabalhos, Porto. (Policopiado).
- MENDES-PINTO, J.M.S. (2008) - *Do castro de S. Domingos a Meinedo: Proto-história e Romanização na bacia superior do rio Sousa*. OPPIDUM, Número Especial. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p. 45-63.
- NUNES, M.; SOUSA, L. E GONÇALVES, C. (2007) - O Castro de S. Domingos (Cristelos – Lousada): algumas notas sobre a sua ocupação durante a Idade do Ferro e época Romana. *Revista Municipal*, ano 8, 3.ª Série, n.º45, Setembro, Suplemento de Arqueologia, Município de Lousada, p. 1-4.
- NUNES, M., SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2008) - *Carta Arqueológica do concelho de Lousada*, Gabinete de Arqueologia, Câmara Municipal de Lousada.
- SARMENTO, F.M. (1999) - *Antiqua*. Apontamentos de Arqueologia. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. [Leitura e organização de António Amaro Neves].
- PMH - *Portugaliae Monumenta Histórica. Inquisitiones*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1888-1897.
- SILVA, A.C.F. (1986) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SOEIRO, T. (1981-82) - Monte Mozinho: cerâmica cinzenta fina. *In Portugalia*. Porto. Nova Série 2/3, p. 97-120.
- VIEIRA, J. A. (1887) - *O Minho Pittoresco: Lousada*. II. Lisboa, p. 353-376.